



## **Ribeira: elementos de comunicação na paisagem<sup>1</sup>**

Indira Gomes do NASCIMENTO<sup>2</sup>

Josimey Costa da SILVA<sup>3</sup>

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN

### **RESUMO**

O artigo trata das marcas comunicacionais encontradas no centro histórico de Natal, especificamente no bairro da Ribeira, lugar onde há uma mistura de marcas que representam textos da comunicação urbana, produzidos ao longo dos anos. Ao observar os fragmentos da paisagem urbana, é possível compreender uma cidade em meio a pluralidade de significados que há nela. Para essa compreensão foram realizadas visitas ao bairro da Ribeira com o objetivo de descrever os marcadores comunicacionais, através de um olhar que interrogou o centro histórico de Natal, levando em conta seu aspecto físico: as intervenções urbanas de pichadores e grafiteiros, as ruínas, o lixo, a cor do ambiente, além da visibilidade, da continuidade e do contraste dos signos. Essa análise foi feita a partir da perspectiva da semiótica da cultura.

**PALAVRAS-CHAVES:** Ribeira; marcas comunicacionais; comunicação urbana; semiótica da cultura; imagem.

### **1 A cidade visual e comunicativa**

#### **1.1 A imagem**

De acordo com Norval Baitello Jr. (1999), o espaço é uma rede de signos com sentido, onde se constroem vínculos e há trocas de informações; um universo simbólico permeado de crenças, narrativas, histórias e artes, que abriga o homem. O signo é um elemento de mediação, cujo papel é representar um objeto quanto àquilo que o determina; a partir da interpretação de um sujeito, que tem em mente a razão pela qual o signo representa tal objeto.

Para Charles Peirce, os símbolos descrevem um objeto por meio de associações de idéias entre o nome e o caráter significado produzidas na mente de um interpretante.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ 08 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 10 a 12 de junho de 2010.

<sup>2</sup> Jornalista e estudante de graduação do 2º semestre do Curso de Radialismo da UFRN, email: [indiragn@yahoo.com.br](mailto:indiragn@yahoo.com.br)

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social da UFRN, email: [josimeycosta@gmail.com](mailto:josimeycosta@gmail.com)



Os símbolos estão relacionados com o sentido de aprendizagem e envolvem a natureza das leis, pois se constituem como convenções estabelecidas em uma sociedade.

Assim, as marcas produzidas pelos homens na paisagem urbana são objetos que representam algo e significam determinadas qualidades, porque na mente de quem as olham cria-se uma associação de idéias; essas associações começaram a ser construídas desde que o homem fez os seus primeiros traços sobre as pedras, possibilitando que sua história fosse transmitida e perpetuada por todo o tempo em que esses registros durarem. Por isso, é possível que as gerações de hoje construam laços com o seu passado, teçam vínculos com ele, tornando possível ao homem a vitória simbólica sobre o tempo; de acordo com Baitello Jr. (1999), os símbolos são construções sociais que garantem uma dimensão prospectiva e retrospectiva do tempo: “a dimensão prospectiva garante o contrato social chamado futuro. A dimensão retrospectiva garante o lastro chamado história”. (BAITELLO JR. 1999, p.110).

O homem vive cercado por uma teia comunicativa. A cidade pode ser definida como um conjunto de textos produzidos pelo homem, um imbricado de signos, ou seja, uma estrutura simbólica que pode ser lida e interpretada. É importante que as pessoas, dentro dela, consigam ter um olhar capaz de selecionar essa multiplicidade de signos emitidos pela comunicação urbana, pois assim, os vínculos poderão ser mantidos, e a cidade será lida e entendida como uma estrutura física que expressa o estilo particular dos seus habitantes, um conjunto de valores que forma a cultura do lugar.

A cultura urbana encontrou na arquitetura e nas paisagens uma das primeiras linguagens, que nos últimos tempos, marca de modo expressivo a cultura urbana. No entanto, cada observador terá uma percepção diferente e fará um desenvolvimento próprio da imagem da cidade. A construção de significados por aqueles que a olham é subjetivo, embora “haja sempre, sem dúvida, um aspecto objetivo, emanado de um determinado edifício que não se pode deixar notar”. (CANEVACCI, 1997, p.37).

A imagem é a parte visível de um objeto, mas também uma representação mental, que revela muito mais daquele que ver, do que daquilo que é visto (SILVA, 2004). O espectador não estabelece uma relação “pura” com as imagens que olha, separada da realidade que a contém, pelo contrário, o ato de ver uma imagem é influenciado por todo um contexto determinado no qual ela está inserida.

Parte das pessoas que vivem em uma cidade não conseguem ver o que há por trás dos seus prédios, ruas e praças; a carga de significados tão importante para compor



a identidade própria do cenário urbano, e de si mesmos, moradores dele. Elas não conseguem ler os códigos que há nessas estruturas, porque não desenvolveram uma literacia visual capaz de fazê-lo.

De acordo com Manuel Damásio (2002), a literacia visual compreende a capacidade que um sujeito tem em reconhecer e compreender corretamente um argumento em um meio de expressão visual, isto é, ela diz respeito à capacidade subjetiva do sujeito em reconhecer uma informação num ambiente cultural onde se realiza a mediação, e utilizá-la para aumentar sua massa de conhecimento.

Portanto, a comunicação que decorre da informação visual é uma partilha de conhecimentos, na medida em que transmite seu conteúdo informativo e contribui para o aumento de referências no sujeito. Cada vez mais, as pessoas precisam desenvolver estratégias para selecionar e absorver a massa de representações visuais, que surgem como consequência de uma sociedade onde a imagem tem um valor essencial.

Quando o sujeito é capaz de decodificar e subtrair conteúdos de uma imagem, nasce um processo de veiculação que, segundo Damásio, pode acontecer a partir da forma, isto é, da estrutura de representação da imagem ou do símbolo, ou através do conteúdo informativo. No entanto, quando não há o estabelecimento de vínculos, a comunicação não acontece e o objeto fica mais propício a sofrer algum tipo de violência; tais vínculos, que são estruturados a partir de processos de aproximação, quando são rompidos pela “indiferença afetiva autoriza a destruição do outro”. (CYRULNIK, 1995, p.102). No centro histórico, essa violência acontece quando os seus prédios sofrem algum tipo de dano por pessoas que não conseguem criar vínculos com eles, de enxergá-los como símbolos importantes para história da cidade; não se estabelece entre o sujeito e as estruturas físicas uma comunicação, não há passagem de conhecimento, o que conseqüentemente cria um sujeito indiferente, capaz de cometer alguma violência contra essas estruturas.

## **1.2 As imagens da cidade**

A imagem é a parte visual de um objeto que pode ser olhada por alguém; funciona como símbolo ao representar elementos ausentes em uma estrutura física, e meio de comunicação ao estabelecer com seu espectador uma partilha de conhecimento, ou seja, de conteúdo informativo.



A imagem ambiental é importante, pois funciona como um sistema de coordenadas onde um indivíduo age e associa conhecimento; um ambiente conhecido e familiar a uma comunidade é parte fundamental da vida das pessoas que o compõe, pois ele “oferece material para as lembranças e símbolos comuns que unem o grupo e permitem que seus membros se comuniquem entre si”. (LYNCH, 1997, p.143).

A análise das formas existentes em um ambiente, do seu cenário físico, é a maneira pela qual se pode conhecer melhor a imagem de um lugar; seus modelos, ornamentações, cores, por exemplo, funcionam como indicadores visuais. Em um mesmo cenário, existe a presença de vários elementos que revelam a visibilidade, a força e a fragilidade da estrutura imagística de um lugar.

Num dos bairros do centro histórico de Natal, a Ribeira, há uma justaposição, uma mistura de elementos que ocupam o mesmo espaço, e constroem a imagem interior, isto é, interna, peculiar do lugar. No bairro é possível passar visualmente por alguns órgãos institucionais que ocupam edifícios em mal estado de conservação, e por edificações do centro cultural revitalizado, com suas fachadas reformadas, assim como também por prédios em ruínas, que têm por vizinho lixo amontoado em plena rua. Além disso, esse cenário é igualmente contemplado por velhas construções que funcionam como oficinas, armazéns, depósitos e frigoríficos de peixes; à noite, a Ribeira dá lugar aos botecos frequentados por boêmios e às casas de *shows* onde os jovens se encontram na procura de programas mais alternativos. Tudo isso funciona como indicadores visuais, que podem ou não ser harmônicos entre si, mas juntos formam a imagem visual do bairro da Ribeira.

A cidade é uma grande obra de arte do cotidiano, com seus prédios, suas praças arborizadas, suas ruínas e suas esquinas marginalizadas; ela é visual e comunicativa, de acordo com Massimo Canevacci (1997), uma polifonia<sup>4</sup> de cores e formas que contam o presente, mas também um passado que se faz presente, e prevêem um futuro.

Há uma múltipla combinação de gêneros comunicativos no espaço urbano, entrelaçados, distribuídos um ao lado do outro de modo dissonante, sem continuidade;

---

<sup>4</sup> De acordo com o conceito de Canevacci a “Cidade polifônica – significa que a cidade em geral e a comunicação urbana em particular comparam-se a um coro que canta com uma multiplicidade de vozes autônomas que se cruzam, relacionam-se, sobrepõe-se umas às outras, isolando-se ou se contrastam; e também designa uma determinada escolha metodológica de ‘dar voz a muitas vozes’, experimentando assim um enfoque polifônico com o qual se pode representar o mesmo objeto – justamente a comunicação urbana. A polifonia está no objeto e no método”. (CANEVACCI, 1997, p.17).



uma rua é uma montagem de seres díspares, que podem construir uma coerência e dar sentido e visibilidade a um lugar, “percorrê-la significa atravessar tempos diversos no mesmo espaço, espaços diversos ao mesmo tempo”. (CANEVACCI, 1997, p.216).

O espaço urbano é móvel e mutável, o que não significa dizer que novas imagens irão destruir as antigas, pois nesse cenário em constante mudança, o passado deve se fazer presente ao preservar a história e alimentar a memória dos moradores. A cidade é o resultado das intervenções dos seus agentes, “ela é produto de sua história, reflexo da sociedade e ação do homem sobre o espaço”. (CASTELLS, 1975, p.33). Ação que constrói uma estrutura física simbólica capaz de estabelecer pontes com a população.

A preservação da estrutura de um lugar é importante, pois nela se encontra parte do sistema simbólico que dá sentido a comunicação urbana. A relação entre o espaço e o passado desenha a história de uma cidade; os prédios, as praças, as ruas antigas revivem no presente a história da cidade, pois “o design de uma cidade é uma arte temporal.” (LYNCH, 1997, p.01). O centro histórico é parte importante desse universo comunicativo, ele tem uma carga simbólica muito forte, porque é carregado de imagens da época de sua formação; ele é um meio pelo qual a geração de hoje pode reconhecer o passado, a partir de seus monumentos que continuam de pé.

O cenário urbano pode ser lido como representações simbólicas formadas pela memória e pelas imagens oferecidas do espaço, por isso a estrutura física de um patrimônio é essencial na construção de um significado, já que sua imagem depende dela. A percepção que as pessoas têm de um lugar está ligada a qualidade das imagens que ele oferece, portanto, quanto mais clara a imagem for, mais as pessoas se identificarão e construirão relações com elas. “É aquela forma, cor ou disposição que facilita a criação de imagens mentais claramente identificadas”. (LYNCH, 1997, p.11).

Os prédios mal conservados, abandonados e em ruínas da Ribeira, são exemplos de como algumas estruturas físicas podem desorganizar uma paisagem, perturbar todo o ambiente, e fazer com que ele perca o papel que lhe é designado dentro da cidade, nesse caso, de preservação do passado. A falta de legibilidade e reconhecimento de alguns dos seus símbolos causa a decadência e a perda dos valores de um lugar cheio de memórias, que deveria alimentar a história da cidade.

A população vê na Ribeira muitos prédios esquecidos, em ruínas, alguns vítimas da ação de vândalos, e lixo jogado a céu aberto. Os símbolos que podem ser



reconhecidos nesse cenário, pelos moradores da cidade, ou seja, a comunicação estabelecida entre as pessoas e os elementos que compõe o bairro, muitas vezes é de carga negativa; a população pode não considerar o bairro um lugar notável e inconfundível, o que naturalmente se pressupõe que seja um centro histórico, o que demonstram as fotos feitas nesse local e que estão disponibilizadas nos capítulos seguintes deste artigo.

## **2 Textos da história da Ribeira**

### **2.1 A Ribeira**

Natal tem 170 km<sup>2</sup> de extensão<sup>5</sup>, seu centro histórico é uma área definida pela Zona Especial de Preservação Histórica (ZEPH, lei nº 3.942/1990) e representa o lugar onde teve início a povoação da cidade, em 1597. O povoamento da Ribeira aconteceu lentamente durante o século XVIII, e seu crescimento deu-se nos últimos anos do século XIX e primeiros do século XX.

Com o passar do tempo, a região começou a ser desocupada por parte da elite que antes residia no lugar, e passou a investir em outros bairros; o que contribuiu para o esvaziamento da Ribeira e resultou no declínio do bairro e na deterioração da sua estrutura física: espaços públicos mal cuidados, deteriorados e mal aproveitados quanto a sua importância histórica, pichados, grafitados, abandonados, em ruínas e sujos; em contraste com os poucos prédios que foram revitalizados.

### **2.2 Uma comunicação com outras regras**

Na Ribeira convivem, lado a lado, prédios históricos e intervenções polêmicas feitas pelos jovens urbanos atuais: pichações e grafites, que se misturam com as imagens históricas e que juntas contribuem para a construção da paisagem do bairro, e colaboram para fazer do centro histórico um meio de comunicação, onde mensagens com conteúdos diversos podem ser transmitidas.

---

<sup>5</sup> Informação obtida no site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE



Figura 1: Muro com pichações e grafites na Rua Chile<sup>6</sup>.



Figura 2: Prédio pichado na Rua Chile com mensagem contra o racismo.

Na Rua Chile, onde há uma grande presença de edifícios antigos, esse fenômeno clássico da comunicação urbana se faz presente; um conjunto de marcas criadas por tribos urbanas e regidas por códigos próprios, que passam a coabitar com elementos diferentes, regidos por outros tipos de códigos. Mesmo o centro histórico tem as impressões físicas das gerações atuais, e conseqüentemente uma nova identidade específica dos dias de hoje, que se encontra marcada em suas paredes.

Quando novos tipos de comunicação surgem, nem sempre elas são compreendidas de imediato por todos os espectadores, alguns podem considerá-las perturbadoras. “O constante progresso da comunicação potencializa o número de perturbações que acompanham sempre a comunicação. A capacidade de recepção do homem é limitada”. (BETH; PROSS, 1990, p.112).

O lixo é outra intervenção humana, mais intencional, aleatória, que marca o centro histórico e comunica a falta de organização, a sujeira e o abandono do espaço, também capaz de promover o desconforto espacial e visual dos transeuntes, e ao mesmo tempo informar que é necessária uma nova ação que organize o espaço urbano. O conhecimento e a reflexão do que simboliza o lixo urbano é essencial no processo de comunicação implicado na preservação do centro histórico de Natal.

O ambiente visual é parte integrante da vida dos habitantes de uma cidade; por isso, se ele for visivelmente organizado, o cidadão sentirá mais prazer, satisfação na possibilidade em caminhar por suas ruas. “Um ambiente ordenado pode servir como um vasto sistema de referências, um organizador da atividade, da crença ou do conhecimento”. (LYNCH, 1997, p.05).

<sup>6</sup> Esta e todas as fotos seguintes são da autora deste trabalho.





Figura 3: Lixo jogado a céu aberto na Rua Frei Miguelinho.

O lixo, além de um atentado à saúde, é uma perturbação visual, com valores compartilhados na sociedade. Ele comunica a desordem de espaços livres e a violência instituída contra um ambiente; o que causa a desvalorização de um cenário, por se tratar de uma paisagem que para os cidadãos não é clara, harmônica e agradável ao olhar.

### 2.3 Ruínas: textos desgastados

As ruínas do centro histórico comunicam o que a passagem do tempo provoca, e atestam qual é o destino de toda obra arquitetônica. De maneira não intencionada, com o passar dos anos, a comunicação de um prédio vai mudando, e o que antes podia retratar a plenitude e a grandeza de um lugar, muda seus códigos e transforma-se em ruínas.

As construções da Ribeira, que no passado foram as sedes das moradias dos primeiros cidadãos de Natal, e permanecem de pé, algumas, apenas parcialmente, são hoje construções modificadas; há nelas o aparecimento de novos signos, que se instalaram com o tempo, e passaram a fazer parte da sua imagem. Além desses signos modificarem as estruturas físicas, conseqüentemente alteram sua comunicação, que passa a propagar novas mensagens.

Assim, o tempo é capaz de transformar as informações que um prédio passa, na sua qualidade de suporte de comunicação. Há uma mutação da imagem, que passa a comunicar uma informação diferente da que comunicava no passado; de acordo com Canevacci, é possível ler a cidade através de suas mutações.





Figura 4: Prédio em ruínas na Rua Chile.



Figura 5: Foto de casarão em ruínas na Rua Chile.

A partir dessas imagens arruinadas, é possível dizer que o espaço físico de uma cidade é portador do sistema simbólico chamado “tempo”, ou seja, através do desgaste dos seus suportes físicos (prédios, casarões e casas), pode-se demarcar a passagem do tempo. “O tempo é uma projeção das ritmicidades sobre a percepção do espaço”. (BAITELLO JR., 1999, p.101). Um sistema comunicativo tem a função de ordenar as informações de uma sociedade, ao lhe atribuir ritmo; por isso, o desgaste dessas estruturas físicas, que se transformaram em ruínas, atesta o ritmo de passagem do tempo na comunidade.

As ruínas do espaço urbano dialogam com sua história e atestam o tipo de atenção e preservação que essas estruturas físicas tiveram ao longo dos anos. As ruínas da Ribeira podem simbolizar o esquecimento dessa região, nesse caso, elas podem comunicar a conseqüência da superação de um centro urbano por outro, o que causou a decadência do bairro e afastou do centro histórico seus prováveis espectadores.

## 2.4 Visibilidade, continuidade e localização

A clareza de uma paisagem urbana, onde suas partes estão organizadas em um modelo coerente e contínuo, é importante para sua visibilidade ao facilitar que ela seja reconhecida. No centro histórico, as construções antigas, quanto mais claras e preservadas forem, permitirão uma aproximação maior do homem contemporâneo com o homem do passado. “O processo de comunicação permite que o indivíduo, em teoria,

se sinta membro de outros homens muito distantes no espaço e no tempo, homens que desapareceram há muito tempo, mas deixaram signos”. (BETH; PROSS, 1990, p.112).

Os bairros são regiões médias ou grandes de uma cidade, dotados de características comuns que os identificam. Suas fachadas parecidas, por exemplo, comunicam importantes aspectos que reforçam sua diferenciação em relação a outras partes da cidade. A continuidade dos materiais, modelos, ornamentação e cores, que compõe o bairro, são indicadores que caracterizam seus tipos de construções, e lhe dão uma continuidade temática aos torná-lo visivelmente mais característico.



Figura 6: Construções antigas com fachadas revitalizadas na Rua Chile.

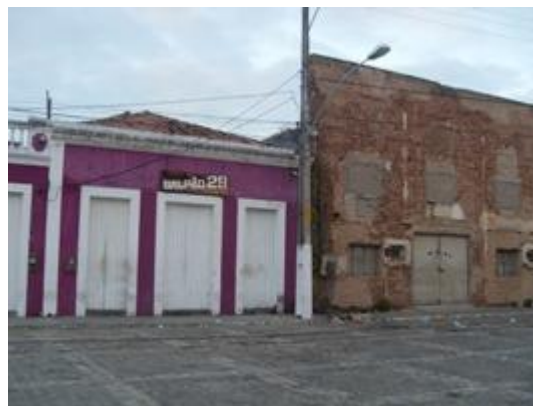


Figura 7: A falta de continuidade dos prédios da Rua Chile.

Nos bairros históricos, essa continuidade é evidente nas suas construções semelhantes, imagens particulares do passado; que se diferenciam de outras edificações que compõem o resto da cidade e por isso ganham visibilidade. “Uma região inconfundível seria aquela que tivesse uma forma simples, uma continuidade de tipo e uso de suas edificações que fosse única”. (LYNCH, 1997, p.121).

As pessoas desenvolvem ligações muito fortes com essas formas claras e diferenciadas. Cada cena é imediatamente identificável, e traz à mente um turbilhão de associações. Há uma total harmonia das partes. O ambiente visual torna-se parte integrante da vida dos habitantes. (LYNCH, 1997, p.103).

Essa capacidade de identificar e fazer associações ainda é possível no bairro da Ribeira, pois existem construções que têm essa continuidade, são visíveis e reconhecíveis, mas isso não acontece em todo bairro; pois no mesmo ambiente, lado a



lado, convivem construções conservadas e construções em estado de degradação. Se para um lugar ter uma alta visibilidade é necessário que se estabeleça ligações e inter-relações claras, o centro histórico de Natal deixa a desejar quanto a isso.

## **2.5 Hibridismo no espaço urbano**

O espaço urbano é híbrido e composto por um sincretismo de imagens e informações que comunicam a possibilidade da união e relação de signos diferentes, construídos por grupos sociais, em épocas distintas, que transmitem informações de geração a geração, e se constituem como peças importantes para a comunicação, “a comunicação como seu elemento hegemônico, aquelas comunicações polifônicas que se inserem de maneira ‘desordenada’”. (CANEVACCI, 1997, p.17).

Na comunicação urbana é permitido que imagens híbridas compartilhem um mesmo espaço; em alguns prédios, é possível notar que sua estrutura física não obedece a uma harmonia nos detalhes; o objeto deixa de ser isomórfico, como diz Canevacci, e torna-se híbrido, uma montagem. O híbrido tem um caráter subversivo pela presença de múltiplas imagens comunicacionais, que agem sem nenhuma preocupação harmônica e são livres quanto à diversidade de seus códigos; “pedaços de resíduos diversos são juntados, mantendo uma diversidade visível e simultânea” (CANEVACCI, 1997, p.162).

Em uma cidade polifônica, um edifício pode conter um conjunto de códigos “desordenados”, múltiplos, assimétricos e simultâneos, uma montagem que cruza várias imagens. No centro histórico, uma estrutura arquitetônica do final do século IX pode ter agregado em sua fachada elementos modernos; assim, híbridos temporais passam a ocupar o mesmo espaço. O passado se materializa, sua arquitetura, estéticas se misturam com características de hoje: as cores, as janelas, as funções, caracterizando o presente nesse lugar.

Algumas vezes, os signos do presente podem se sobrepor de tal maneira aos do passado, que acabam prejudicando a comunicação destes, como por exemplo, em uma Casa da Ribeira onde nasceu o organizador do Estado Republicano, Pedro Velho Albuquerque Maranhão, um dos homens mais importantes na história do Rio Grande do Norte; ela hoje tem sua fachada completamente modificada, de tal forma, que só é possível identificar a construção como histórica devido a uma placa que a descreve.



Figura 8: Prédio na Rua Chile onde nasceu Pedro Velho, e que hoje abriga uma agência dos Correios.



Figura 9: Placa que descreve a importância do prédio dos Correios da Ribeira para a história do RN.

O melhor seria que esse sincretismo entre o antigo e o moderno incentivasse o convívio das diferentes marcas temporais em um único prédio; isso provaria que, embora o prédio permaneça no mesmo lugar e com a mesma forma, com o passar dos anos não ficou preso a um único conjunto de códigos, mas esteve em movimento em um coro regido de acordo com a época que chega, mas sem perder a sua carga histórica.

## 2.6 As cores do centro histórico

A cidade também pode se comunicar através de suas cores, elas são importantes na percepção que as pessoas têm do espaço urbano, e funcionam como uma maneira intencional de significar no contexto que estão inseridas; criadas pelas mãos do homem da cidade, são capazes de interferir na especificidade da identidade de um prédio, e até mesmo de um ambiente inteiro.

Para Canevacci (1997), no novo desenho urbano deveria haver a aprendizagem da comunicação por meio das cores: tênues, delicadas, mescladas. A cor é importante na apresentação visual dos edifícios antigos; ela é capaz de interferir na imagem e na comunicação dos seus signos, pois podem comunicar a passagem dos anos pelo seu desgaste e apresentam a possibilidade de deixar as estruturas de prédios revitalizados mais atrativas. Por isso, embora no centro histórico as cores das fachadas dos prédios também sejam parte importante na preservação de uma comunicação com o passado, algumas delas são substituídas por cores mais atrativas, de grande apelo visual, que alteram a leitura da imagem dos prédios, mas acentuam a velha arquitetura.

Na Ribeira, pode-se perceber uma dialética entre a policromia e monocromia de cores. A monocromia nos espaços abandonados são cores do resultado de um desgaste ao longo dos anos: o cinza-sujo, o barro, a cor da madeira das janelas envelhecidas. Já a policromia encontra-se nos prédios revitalizados e cobertos com tintas fortes, cheios de variações cromáticas, que revelam um hibridismo entre a arquitetura antiga e as cores modernas.



Figura 10: Fachada de construção revitalizada na Rua Chile.



Figura 11: Prédio com cores desgastadas na Rua Chile.

A alteração da identidade visível com a substituição das cores pode comunicar a justaposição do novo aos valores da memória. Ao observar alguns prédios do bairro da Ribeira, tem-se a impressão que cromaticamente eles não comunicam o passado, pois as cores usadas em suas estruturas não entram em diálogo com a arquitetura antiga do lugar, não há um equilíbrio na expressão temporal entre as formas e as cores do ambiente. Segundo Canevacci, essas construções “faz-nos lembrar personagens de teatros já aposentados, mas limpos e de roupa nova, como se devessem ir a uma festa”. (CANEVACCI, 1997, p.211). Mesmo assim, essas renovações acentuam a imagem do centro histórico ao deixar seus prédios mais atrativos; os edifícios podem até ter perdido algo de sua originalidade, mas revigoram-se com a nova aparência melhor reconhecida pelas pessoas, que passam a estabelecer uma relação maior com essas estruturas.



## REFERÊNCIAS

AUMONT, Jacques. **A Imagem**. Campinas: Papirus, 2005.

BAITELLO JUNIOR, Norval. **O animal que parou os relógios**: Ensaio sobre comunicação, cultura e mídia. São Paulo: Annablume, 1999.

BETH, Hanno; PROSS, Harry. **Introducción a la ciencia de la comunicación**. Barcelona: Anthropos, 1990.

BYSTRINA, Ivan. **Tópicos de semiótica da cultura**. São Paulo: Centro Interdisciplinar de Semiótica da Cultura – Puc/SP. Pré-Print, 1995.

CASCUDO, Luís da Câmara. **História da cidade do Natal**, 2ª. Ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL; Natal: UFRN, 1980.

CALVINO, Ítalo, **As Cidades Invisíveis**. Tradução: Diogo Mainardi. São Paulo, Companhia das Letras, 1990.

CANEVACCI, Massimo. **Culturas Extremas: mutações juvenis nos corpos das metrópoles**. Rio de Janeiro: DP&, 2005.

\_\_\_\_\_. **A cidade polifônica. Ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana**. São Paulo, Studio Nobel, 1997.

CASTELLS, Manuel. **Problemas de investigação em sociologia urbana**. Lisboa: Editorial Presença, 1975.

CYRULNIK, Boris. **Os alimentos do afeto**. São Paulo: Ática, 1995.

FONSECA, Daniele Baltz; NAOUMOVA, Natalia. **A cor e a imagem urbana do centro histórico de Piratini-RS**. In: CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM ARQUITETURA E URBANISMO, 2., 2002, Curitiba, PR. **Anais...** Disponível em: <[http://www.vitruvius.com.br/institucional/inst50/inst50\\_01.asp](http://www.vitruvius.com.br/institucional/inst50/inst50_01.asp)> Acesso em 01 nov. 2009.

VELHO, Otávio Guilherme (Org.). **O fenômeno urbano**. 4.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

LEMONS, Carlos Alberto. **O que é patrimônio histórico**. São Paulo: Brasiliense, 2000. (Coleção Primeiros Passos, 51).





LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. Tradução Jefferson Luiz Camargo. São Paulo, Martins Fontes, 1997.

DAMÁSIO, Manuel. **Novos Media e Práticas Educativas. Contributos para o desenvolvimento de uma nova literacia**. Coimbra. Editorial Minerva, 2002.

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica**. São Paulo, 2º ed., 1990, trad. José Teixeira Coelho Neto.

SANTAELLA, Lucia. **Matrizes da Linguagem e pensamento sonora, visual, verbal**. São Paulo: Iluminuras: FAPESP, 2005.

SILVA, Josimey Costa da. **A ética na comunicação, a conveniência e os inutensílios. Margem**, São Paulo n. 17, p. 147-62, jun. 2003.

\_\_\_\_\_. **No limite da traição**: comunicação de massa, cinema e vínculos sociais. f. 234. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2004.

\_\_\_\_\_. **A Palavra sobreposta**: imagens contemporâneas da Segunda Guerra em Natal, Natal: UFRN, 1998.

SILVA, Heitor de Andrade **Revitalização urbana de centros históricos**: uma revisão de conceitos, contextos e projetos: a Ribeira como estudo de caso, Natal: UFRN, 2003.